

7 de Maio de 2010

Parecer sobre as provas de aferição  
do primeiro e segundo ciclos - Matemática

Tal como em anos anteriores, as Provas de Aferição de Matemática do 4.º e 6.º ano que hoje se realizaram constituem uma oportunidade para aferir o nível de conhecimentos dos alunos no final dos dois primeiros ciclos de escolaridade. Seria desejável que fossem um instrumento fiável de aferição do estado do ensino da Matemática em Portugal. Infelizmente, estas provas continuam a não satisfazer este requisito.

Isso acontece por várias razões:

- Há em ambas as provas um número muito exagerado de questões demasiado elementares para o nível de escolaridade dos alunos a que se destinam. Uma larga maioria das questões são de resposta imediata, ou requerem apenas uma operação de cálculo.
- Com o pretexto de inserir os conceitos e algoritmos em questões contextualizadas, acaba por não se testar devidamente nem o domínio dos conceitos nem o domínio dos algoritmos. Assim, um possível bom desempenho nestas provas não parece equivalente ao domínio da matéria.
- Os resultados não têm efeito sobre as classificações dos alunos nem sobre o seu percurso escolar — há por isso sempre um factor de desinteresse associado às provas.
- Os critérios de classificação estão ocultos pela atribuição de códigos ao nível do desempenho revelado nas respostas, permitindo assim uma larga arbitrariedade na classificação final.

Na prova do 4.º ano, as questões 6 e 13 são interessantes. Em contrapartida, as questões 1, 2, 3, 12, 14, 17.1 e 22 praticamente nada avaliam das capacidades matemáticas esperadas no final do 1.º ciclo.

A situação da prova do 6.º ano é bem mais grave. As questões bem formuladas, como a 5, deixam de ter interesse uma vez que os alunos podem utilizar a máquina de calcular. As perguntas 2, 6.1, 6.2, 7, 9, 11, 12, 14, 18, 19, 21, 23, 24 e 25 são de 1.º ciclo. Compare-se, por exemplo, a pergunta 18 desta prova com a pergunta 7 da prova do 4.º ano. Com dificuldade se compreende o objectivo de avaliar se os alunos que estão a terminar o 6.º

ano de escolaridade sabem responder a perguntas que, segundo os programas oficiais, se poderiam colocar no 2.º ano de escolaridade. Dois exemplos: Qual é a quarta parte de 8? (pergunta 2.) Quantos são  $5 + 2$ ? (pergunta 6.1.).

Provas destas não valorizam o empenho, o rigor e o conhecimento, desorientando tanto os alunos como os professores. Os alunos, por estarem habituados a outro tipo de questões, com um grau de dificuldade mais avançado e adequado ao seu nível etário, os professores por ser um desincentivo ao seu trabalho. Esta continuada tendência não pode deixar de causar reflexos muito negativos.

O Gabinete do Ensino Básico e Secundário  
da Sociedade Portuguesa de Matemática